



Planificação e manutenção linguística: a construção do sistema de escrita da língua Xikrín do Cateté

Linguistic planning and maintenance: the construction of the Xikrín do Cateté language writing system

Lucivaldo Silva da Costa *

Tereza Maracaipe Barboza **

Quelvia Souza Tavares ***

RESUMO: Neste estudo, descrevemos os processos mobilizados na confecção do sistema de escrita da língua Xikrín do Cateté e de um livro para auxiliar no processo de alfabetização e letramento dos falantes que estudam nas escolas das aldeias. Essas ações de planificação linguística objetivam a manutenção da língua e da cultura Xikrín do Cateté. Esse povo fala uma variedade da língua Kayapó¹, pertencente à família Jê, Tronco Macro-Jê (RODRIGUES 1986, 1999). Atualmente, vive em três aldeias, *Cateté*, maior e mais antiga, com aproximadamente 900 habitantes, *Djudjêkô*, com aproximadamente 500 habitantes, fica a 18 km da aldeia *Cateté* e *Ô'odjãm*, a mais recente e menor, com população estimada em 150 pessoas, está localizada à margem esquerda do rio *Cateté*. A escassez de material didático na língua indígena está, em certa medida, condicionada a não existência de um

ABSTRACT: In this study, we describe the steps involved in the elaboration of the written system of the Xikrín do Cateté language and a book to help the children to get the Xikrín writing system and develop literacy practices in their native language during the classes in village schools. These actions of linguistic planning aim at the maintenance of the Xikrín do Cateté language and culture. This people speak a variety of Kayapó language, belonging to the Jê family, Macro-Jê Stock (RODRIGUES, 1986). Xikrín people currently live in three villages, *Cateté*, the largest and the oldest one, with approximately 900 inhabitants, *Djudjêkô* with approximately 500 inhabitants, is 18 km from the *Cateté* village and *Ô'odjãm*, the youngest and smallest one, with a population estimated at 150 people, is located on the left bank of the river *Cateté*. The shortage of didactic material in the indigenous language is to

*Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília-UnB. Docente da UNIFESSPA. lucivaldosc@unifesspa.edu.br

** Mestra em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Docente da UNIFESSPA. terezamaracaipe@unifesspa.edu.br

***Mestranda em Educação e Cultura pela Universidade Federal do Pará. Docente do Instituto Federal do Pará. quelvia.tavares@ifpa.edu.br

¹ A língua Xikrín é predominantemente do tipo isolante, mas apresenta também características flexionais, já que nomes, verbos e posições recebem flexão relacional. Para maiores informações sobre esse tema, ver Costa (2003, 2015).

sistema de escrita para a língua Xikrín. A construção de tal sistema pode possibilitar a criação de literatura em língua indígena para garantir um ensino bilíngue, diferenciado e específico, que fortaleça sua língua e sua cultura milenar. É válido ressaltar, ainda, que o sistema de escrita aqui proposto está ancorado em critérios fonológicos sem, no entanto, desconsiderar critérios políticos que respeitem a autonomia dos Xikrín na escolha dos símbolos representativos dos fonemas existentes em sua língua.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Xikrín. Sistema de escrita. Educação bilíngue.

some extent due to the absence of a writing system for the Xikrín language. The construction of such a system can enable the creation of literature in the indigenous language to guarantee a bilingual, differentiated and specific teaching that strengthens its language and its ancient culture. It is noteworthy that the writing system proposed here is founded in phonological criteria, without, however, disregarding political criteria that respect the autonomy of the Xikrín in the choice of symbols representative of the phonemes in their language.

KEYWORDS: Xikrín language. Writing systems. Bilingual education.

1. Introdução

A escrita é uma das conquistas culturais mais significativas dos seres humanos. Essa tecnologia² possibilita ao homem gravar e transmitir informações e histórias para além de seu tempo. Na modalidade oral, interagimos apenas com nossos interlocutores presentes no ato comunicativo. Na modalidade escrita, no entanto, conseguimos alcançar não apenas a audiência presente, mas também interlocutores em potencial: aqueles ausentes no espaço e no tempo. É claro que, hoje em dia, é possível gravarmos mensagens de voz e de vídeo e enviarmos a outrem, mas, para isso, precisamos de equipamentos especiais e de boa conexão com a internet, o que, infelizmente, não é o caso do Brasil, onde muitas comunidades não têm acesso a

² A escrita circunscreve-se enquanto uma tecnologia, à medida que, para sua produção é necessário o uso de um conjunto de ferramentas e equipamentos, como, estiletes, pincéis, lápis, canetas, superfícies cuidadosamente preparadas, peles de animais, tiras de madeira, assim como tintas ou pinturas e muitos outros. O processo de registrar a linguagem falada é governado por regras conscientemente planejadas e inter-relacionadas: por exemplo, um certo pictograma significará uma palavra específica, ou o *grafema* "a" representará um certo fonema, "b" um outro e assim por diante. Não se quer negar aqui que a situação escritor-leitor, criada pela escrita, afete profundamente os processos inconscientes envolvidos na composição da escrita, uma vez que já se tenham aprendido as regras explícitas, conscientes.

instrumentos tecnológicos, tais como: celular, gravador, filmadora e outros, em que é possível o registro da modalidade oral da língua. Nesse sentido, a escrita apresentaria considerável vantagem sobre a fala, uma vez que para enviarmos uma mensagem escrita necessitamos apenas de um pedaço de papel e de um lápis ou caneta (cf. ROGERS, 2005, p. 1). A escrita pode ser entendida como o uso de marcas gráficas para representar enunciados linguísticos específicos e, a despeito do maior alcance da escrita em relação à fala, é importante, ressaltar que a escrita não é a língua. Dito de outra forma, enquanto a língua é um sistema complexo internalizado na mente do falante, que lhe permite produzir e interpretar enunciados, a escrita é a fixação da fala pela representação gráfica, que transforma os enunciados falados e ouvidos em escritos ou lidos (cf. ROGERS, 2005, p. 1; SOARES, 2016, p. 38). Além disso, é importante destacar que o sistema de escrita não é capaz de garantir a vocalização e os usos reais da língua e, sendo uma tecnologia criada pelo homem, ela não é apreendida naturalmente no dia a dia como a língua falada; muito pelo contrário, o aprendizado, o domínio e o uso de um sistema de escrita demanda tempo, dedicação e esforço do falante, bem como práticas de leitura e escrita tanto na escola, quanto na comunidade para promover os usos sociais dessa modalidade da língua.

O artigo traz ações de planificação linguística, conhecido na literatura como planejamento de *corpus* da língua (COOPER, 1989; SANVICÉN, 2008), que toma como foco a elaboração de ortografia para as línguas, documentação, confecção de materiais didáticos, gramáticas, cartilhas, dicionários, material em audiovisual, etc. Aliado ao planejamento de *corpus*, espera-se também um planejamento de *status* da língua Xikrín, especialmente, na educação escolar indígena na aldeia, que essa língua ganhe mais espaço nos diferentes níveis de ensino e nos diferentes domínios sociolinguísticos na comunidade. Para isso, faz-se necessário a implantação de políticas de línguas para os povos indígenas, já asseguradas na Constituição Federal (cf. art. 210 e 215 da CF de

1988, Referencial para a formação de professores indígenas), mas que nem sempre são garantidas sua oferta pelas Secretarias de Educação.

Equipar a língua Xikrín do Cateté, por meio da criação de um sistema de escrita e de elaboração de material de apoio ao ensino bilíngue, diferenciado e específico com vistas ao desenvolvimento de práticas de letramento nessa comunidade linguística, é uma ação de intervenção no campo da política linguística, cujo objetivo é garantir a manutenção dessa língua nos diferentes domínios sociolinguísticos na aldeia e lhe conferir *status* no domínio escolar, espaço atualmente dominado pela língua portuguesa, embora todos os Xikrín sejam falantes fluentes de sua língua nativa (cf. CALVET, 2007; COSTA, 2015; FISHMAN, 1982).

Neste estudo descrevemos uma experiência formativa desenvolvida com a comunidade Xikrín do Cateté, na qual lhes foi oferecida uma formação com base linguística³ que lhes garantisse refletir sobre os fonemas existentes em sua língua e discutir e escolher suas representações gráficas para, a partir de então, iniciar o processo de elaboração de literatura em língua indígena e desenvolver uma “cultura escrita” em sua língua. O presente artigo está organizado assim: uma introdução, seguida por um breve histórico dos Xikrín do Cateté, em que se discorre sobre sua origem, língua e sobre dois processos de educação existentes na comunidade, a saber: a educação indígena e a educação escolar indígena. Depois, apresenta os princípios que orientam a proposta de escrita para a língua Xikrín e, logo em seguida, relata a proposta de um sistema alfabético para a língua Xikrín, baseada, teoricamente no

³ Tratam-se de oficinas de língua na aldeia Cateté, realizadas no âmbito do programa de extensão “Saberes e fazeres Xikrín: a etnociência como estratégia mediadora no desenvolvimento de metodologias e recursos didático-pedagógicos voltados à valorização de sua língua materna”, desenvolvido entre os anos 2016 e 2017, aprovado pelo edital PIBEX 19/2016, com fomento da Proex/Unifesspa. Este programa foi renovado atualmente com a denominação “A promoção da saúde e da educação como estratégia de fortalecimento da identidade cultural dos Xikrín do Cateté”, aprovado via edital: PIBEX/UNIFESSPA 012/2017.

inventário fonético-fonológico dos segmentos sonoros propostos por Costa (2015). Ainda nesta seção, são apresentadas algumas regras ortográficas que devem orientar os usuários deste sistema. O artigo finaliza pontuando a importância da elaboração desse sistema de escrita para a comunidade indígena Xikrín do Cateté, acreditando que seja uma ferramenta de empoderamento cultural, social e linguístico deste povo, a partir do qual podem construir estratégias político-educativas para manter sua língua viva, não só no domínio da aldeia, mas também no domínio escolar.

2. Breve histórico sobre os Xikrín do Cateté

Os Xikrín do Cateté são uma ramificação dos Kayapó Setentrionais. Falam uma variedade da língua Kayapó, pertencente à família Jê, Tronco Macro-Jê (RODRIGUES, 1986). Atualmente, vivem em três aldeias, Cateté, Djudjêkô e Ô'odjãm, à margem esquerda do rio Cateté, tributário do Itacaiúnas, afluente médio do rio Tocantins. A aldeia Cateté é a maior e mais antiga. Nela vivem aproximadamente 900 indivíduos. A aldeia Djudjêkô, com aproximadamente 500 habitantes, fica a 18 km da aldeia Cateté e a aldeia Ô'odjãm, mais nova e menor, conta com uma população estimada em 150 indígenas.

Com base em vários estudos (COUDREAU, 1897; FRIKEL, 1968; NIMUENDAJÚ, 1952; SIMÕES, 1963; TURNER, 1966; VIDAL, 1977, apud COSTA, 2015) é possível afirmar que na década de 1850 os Kayapó Setentrionais já estavam divididos em três grandes grupos, os Xikrín (Pore-kru, Kokorekre-Diore e Put-Karôt), Irã-amkrãire (Gradaús ou Kayapó do Araguaia) e Gorotíre. Vidal (1977, p. 15, apud COSTA, 2015) esclarece que os Kayapó têm como grupo ancestral os *Goroti-kumrem*, de onde sugeriram dois grandes grupos: Pore-kru e Gorotíre. Devido a questões de disputas políticas e outros conflitos internos, o grupo Pore-kru se cindiu em dois, os Put-Karôt e os Kokorekre. Os Put-Karôt, mais tarde, se subdividiram em Xikrín do

Cateté e Xikrín do Pacajá. Dos Kokorekre, originou-se o grupo Djore, já extinto devido a epidemias e confrontos armados com as frentes regionais

Atualmente, a despeito de se considerarem um grupo distinto dos Kayapó, os Xikrín estabelecem com eles uma relação amistosa: há constantes visitas entre as aldeias, há casamentos entre eles, há incorporação de objetos da cultura material intergrupar. Além disso, compartilham alguns traços socioculturais como a organização da aldeia de modo circular com a casa dos homens, o *ngà*, no centro, o corte de cabelo característico da etnia, que consiste em raspar a parte central da cabeça do início da testa até o meio da cabeça.

Seminômades tradicionais, os Xikrín alternavam tempo-espaço-aldeia e tempo-espaço-floresta. O tempo-espaço-aldeia era o momento em que Os Xikrín ficavam na aldeia e consumiam principalmente o que produziam em suas roças familiares ou coletivas, o que caçavam, pescavam ou coletavam nas proximidades de sua aldeia. O tempo-espaço-floresta consistia na perambulação da comunidade pela floresta por longos meses, durante os quais coletavam e caçavam. Concordamos com Turner (1992, apud COSTA, 2015) quando pondera que o modo de organização da vida comunitária em dois momentos distintos não pode ser visto como mero meio de prover a subsistência do grupo, mas deve ser considerado em função de sua dinâmica sociopolítica, bem como um meio de inserção e interação das crianças e jovens Xikrín na cosmovisão Mëbêngôkre.

Como atualmente vivem em terra indígena demarcada em torno da qual há grandes áreas de fazenda, os Xikrín não fazem mais expedições tão longas. Quando vão à floresta, geralmente por ocasião de alguma festa tradicional, ficam no máximo duas semanas. Nessas expedições atuais, é muito raro a presença de crianças e mulheres. Quando retornam da expedição, trazem caça de toda natureza: anta, arara, jabuti, macaco, paca, porcão, tatu, veado, dentre outros. No período da chuva, geralmente de janeiro a março ou abril, vão à floresta para coletar castanha do Pará,

fruto que comercializam atualmente com um comprador de Redenção que lhes paga um preço relativamente justo e ainda vai buscar o produto nas próprias aldeias, diminuindo o custo dos Xikrín, que, até então, tinham que escoar o produto de barco pelo rio Cateté e Itacaiúnas até chegar a um local denominado Caldeirão, localizado na unidade de conservação da Flona de Carajá, de onde seguiam de caminhão por mais ou menos duas horas até chegarem no núcleo urbano de Carajás.

Atualmente, o consumo de alimentos industrializados e o intenso consumo de açúcar têm gerado sérios problemas à saúde dos Xikrín do Cateté, como os inúmeros casos de pessoas com diabetes. Há necessidade urgente de realização de campanhas educativas que esclareçam sobre o consumo de alimentos industrializados e o perigo que podem causar à sua saúde. Outro ponto importante a ser levantado está relacionado ao tratamento que devem dar ao lixo que está sendo acumulado na aldeia atualmente devido ao grande consumo de produtos industrializados. Acreditamos que cabe ao poder público abraçar a causa e estabelecer parcerias com setores/agentes que atuam nas comunidades para tentar minimizar os danos que o consumo desenfreado de esses produtos têm causado à comunidade Xikrín do Cateté. Uma boa opção seria envolver os professores indígenas e não-indígenas e a equipe da saúde em projetos educativos visando à elaboração de cartilhas que orientem a comunidade sobre a importância de uma alimentação saudável e do tratamento adequado do lixo acumulado nas aldeias, evitando assim, por exemplo, a poluição dos rios e consequente morte dos peixes e o aumento da escassez desse alimento na comunidade.

2.1 Educação tradicional Xikrín

A grosso modo, pode-se dizer que a educação indígena é um processo por meio do qual os membros mais velhos da comunidade repassam aos seus membros mais jovens e estes internalizam seu próprio modo de ser, suas cosmovisões, garantindo que sua cultura seja transmitida às novas gerações, independentemente,

de agentes externos como a escola e os meios de comunicação da sociedade que os cerca. Na perspectiva da educação Xikrín, apreende-se o conhecimento de oitiva e na vivência. Aprende-se a fazer uma flecha, um arco, uma borduna; aprende-se a plantar, caçar e pescar, dentre outras atividades, pelo processo de observação e, depois, pelo brincar de confeccionar tais artefatos e de desenvolver tais atividades, sem, contudo, ter-se a obrigação de fazê-lo de modo perfeito, sob pena de alguma sanção, como acontece na educação escolar ocidental, em que atividades avaliativas feitas pelo aluno recebem um conceito, um rótulo, numa escala em que, em um dos polos, está o aluno “excelente” e em outro, o “insuficiente”, “rude”, “com dificuldade intelectual ou cognitiva”. A educação entre os Xikrín se dá assim: os pais, tios, avós transmitem às crianças seus valores socioculturais e políticos ao longo de anos, seja em casa, seja na frente de casa à noite, próximo a uma fogueira, seja no *ngà*, durante reuniões formais, seja em expedições para coleta, pesca e caça. A tarefa dos aprendizes é observar, prestar atenção, e depois “treinar” por meio de brincadeiras relacionadas à alguma atividade que viram algum parente mais velho exercer.

2.2 Educação escolar indígena

A educação escolar indígena consiste na introdução de agentes externos à cultura autóctone. Está relacionada à nova realidade por que passa a grande maioria das comunidades indígenas no Brasil: o contato com a sociedade hegemônica. A educação escolar indígena deve ser o espaço de aquisição e aprendizagem do conhecimento universal de base europeia ocidental em harmonia com os saberes e conhecimentos tradicionais, que devem ser sistematizados e ensinados na escola. Costa (2015) afirma que qualquer iniciativa de implantação de educação escolar indígena deve ser pautada levando-se em consideração que a comunidade indígena (a) fala uma língua diferente do português, (b) tem características socioculturais diferentes das ocidentais e (c) tem estratégias peculiares de assimilação de

conhecimento. Esses fatores nos levam ou devem nos levar a pensar uma escola indígena bilíngue, diferenciada e específica. No caso da educação escolar entre os Xikrín, sabemos que o primeiro segmento do ensino fundamental (1ª à 4ª séries) foi implantado na aldeia ainda na década de 80, então sob a responsabilidade da FUNAI. Em 2004, foi implantado o então ensino de 5ª à 8ª séries na aldeia Cateté. Atualmente, em todas as três aldeias, há escolas funcionando de 1ª ao 9º ano, sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação do município de Parauapebas. Segundo Costa (2015), essas escolas são oficialmente bilíngues, diferenciadas e específicas. No entanto, a real situação linguística dessas escolas é de permanente deslocamento da língua Xikrín em favor da língua portuguesa⁴, que ocupa papel privilegiado no domínio escolar, gerando uma situação de diglossia, em que a língua portuguesa tem total hegemonia sobre a Xikrín, mesmo que toda a comunidade e, conseqüentemente, todos os alunos sejam falantes fluentes de sua língua materna. Na contramão das pesquisas sobre aquisição de língua, que asseveram ser muito mais fácil à criança ser alfabetizada em sua língua materna para só depois iniciá-la no processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua, nas escolas da aldeia Xikrín tem acontecido exatamente o contrário, como relata o professor Bep Aka Xikrín da aldeia Cateté:

as crianças, mesmo sendo monolíngues na nossa língua indígena, aos cinco anos de idade, elas vão para a escola e começam a ser alfabetizadas na língua portuguesa. O professor lhes ensina as letras do alfabeto, as sílabas e palavras soltas. Nossas crianças, infelizmente ainda não são alfabetizadas na língua *Mëbêngôkre* porque nós não temos material didático apropriado para esse fim. (Depoimento do Professor Bep Aka em 9 de abril de 2018).

⁴ A língua portuguesa é a língua que possibilita a interação entre os Xikrín e a sociedade envolvente. Eles necessitam usá-la para acesso a diferentes meios, tais como: 1. educação: ingresso na universidade, cursos técnicos e outros; 2. Relação com o Estado: domínio da língua portuguesa para compreender as leis que asseguram seus direitos e assim fazer enfrentamento junto ao governo e 3. empresas privadas: dominar a língua portuguesa é condição indispensável para as reivindicações dos Xikrín junto a empresas privadas, como a VALE e Onça Puma, cujas atividades mineradoras exploram e impactam diretamente no território desse povo.

Em razão do quadro nada favorável à língua Xikrín do Cateté no domínio escolar, professores Xikrín, têm reivindicado um modelo de educação escolar alternativo àquele oferecido pela Secretaria Municipal de Educação⁵, no qual tanto os saberes universais, quanto os saberes locais sejam contemplados no currículo escolar. Essa mobilização dos professores Xikrín resultou em um conjunto de atividades de planificação linguística visando à manutenção e ao *status* da língua Xikrín no domínio escolar. A principal dessas atividades, a nosso ver, foi a elaboração do sistema de escrita de sua língua - sobre a qual trata este artigo -, a partir da qual será possível a confecção de literatura na língua indígena para garantir a esses sujeitos o direito de desenvolver práticas de leitura e escrita em sua língua materna e, conseqüentemente, estimular a formação de leitores e escritores indígenas na comunidade. A elaboração do sistema de escrita próprio para a língua Xikrín do Cateté e sua apropriação pode ser visto como uma forma de autoafirmação e auto identificação, além de ser uma forma de revalorização e desenvolvimento de sua língua (cf. MORI, 1997).

3. Princípios orientadores do sistema de escrita Xikrín do Cateté

A Linguística, como área do conhecimento “ocidental”, com noções técnicas de descrição para estabelecimento de língua escrita, é considerada como um campo do saber com competência para tal tarefa. Mas estaria somente à cargo do linguista, a elaboração do alfabeto de uma língua indígena, seu vocabulário e gramática?

Sobre esse ponto, refazemos alguns dos questionamentos de D’Angelis e Veiga (1997, p. 16):

- a) Quais são os critérios e os procedimentos a respeitar na definição de ortografias de línguas indígenas?
- b) É suficiente entregar o “problema” na mão dos linguistas?
- c) Como tratar as diferenças dialetais?
- d) O que é possível prever do ponto de vista sociolinguístico? E antropológico? E indigenista?

⁵ A política de educação para as escolas indígenas do estado do Pará, seguem o mesmo modelo vigente nas escolas urbanas.

Corbera Mori (1997, p. 24) adverte que o “desenvolvimento de sistemas de escritas é complexo, já que requer trabalhos coordenados entre os próprios falantes e o linguista e a colaboração de outros estudiosos, principalmente pedagogos e antropólogos”.

Os questionamentos de D’Angelis e Veiga (*op. cit.*) revelam também nossas inquietações, pois é sempre um exercício muito desafiador o processo de escrita em língua materna para comunidades indígenas, dado que, a maioria não possui ainda um sistema de escrita oficializado, nem instrumentos linguísticos escritos, como gramática e dicionários. Esse é o caso da língua dos Xikrín do Cateté, o que faz com que as variações se constituam como marcas linguísticas das diferentes aldeias: Djudjêkô, Ô’odjãm e Cateté.

Embora alguns Xikrín do Cateté já tenham contato com o sistema de escrita Kayapó, através da Bíblia e de hinários, muitos deles têm demonstrado insatisfação com aquele sistema de notação, alegando que o mesmo não representa a fala Xikrín, já que muitas representações sonoras, segundo eles, refletiriam a variedade Kayapó e, outras, expressariam a intuição dos missionários com o sistema de escrita de suas próprias línguas maternas. Outras, ainda, expressariam fenômenos meramente fonéticos, não sendo, portanto, seu registro adequado à escrita.

É notória a queixa dos professores Xikrín pela falta de material escrito em sua língua nativa, seja para alfabetização, seja para desenvolver práticas sociais de oralidade, leitura e escrita na comunidade. A carência de material confeccionado na própria língua está, em certa medida, condicionada a não sistematização do sistema de escrita Xikrín. Diante disso, há a necessidade de elaboração de seu sistema de escrita. Tal sistema está ancorado na organização do sistema fonológico da língua sem desconsiderar critérios políticos que respeitem sua autonomia na escolha dos símbolos representativos dos fonemas existentes em sua língua. Este sistema de escrita deve,

também, ser prático e econômico (cf. BERRY, 1968; MORI, 1997; PIKE, 1947). Nesse sentido, a proposta de representação dos sons da língua Xikrín do Cateté apoia-se, teoricamente, na descrição do sistema fonético, fonológico e gramatical da língua Xikrín, desenvolvida por Costa (2015). Os símbolos escolhidos para compor o sistema de escrita representam apenas os sons distintivos da língua, ou seja, aqueles que exercem a função de distinguir palavras na língua. As formas alofônicas não são representadas na escrita para evitarmos uma concepção estática e cristalizada da língua. Os símbolos sugeridos para representar os fonemas da língua Xikrín são simples, econômicos e fáceis de serem escritos e lidos pela comunidade indígena, já que são os mesmo do alfabeto romano, com o qual já estão familiarizados devido ao contato com a escrita e a leitura em língua portuguesa.

4. A escrita xikrín do Cateté

A língua *Xikrín* possui trinta e dois fonemas, distribuídos em dezesseis consoantes e dezesseis vogais. Com base no movimento horizontal e vertical da língua e no arredondamento dos lábios, as vogais do *Xikrín* classificam-se em anteriores, centrais e posteriores e ocupam o núcleo de sílaba inicial, medial e final. As vogais anteriores e centrais são todas não-arredondadas, enquanto as posteriores são todas arredondadas. A diferença entre vogais orais e nasais é que, na produção das últimas, o ar escapa pela cavidade nasal. Assim, das dezesseis vogais do *Xikrín*, dez são orais e seis são nasais. O quadro 01, adaptado de Costa (2015), ilustra os fonemas vocálicos do Xikrín.

Quadro 01 – Fonemas vocálicos do Xikrín.

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
Altas Fechadas	/i/	/ĩ/	/ĩ/	/ĩ/	/u/	/ũ/
Médias Fechadas	/e/	/ẽ/	/ə/	/ẽ/	/o/	/õ/
Médias Abertas	/ɛ/		/ʌ/		/ɔ/	
Baixas Abertas			a			

O *Xikrín* possui dezesseis segmentos fonológicos consonantais: sete oclusivas, com pontos de articulação bilabial /p/, /b/, alveolar /t/, /d/, velar /k/, /g/ e glotal /ʔ/; quatro nasais, com ponto de articulação bilabial /m/, alveolar /n/; palatal /ɲ/ e uma velar /ŋ/; duas africadas com ponto de articulação palatal /tʃ/ e /dʒ/; um flepe /r/ e duas aproximantes com pontos de articulação labial /w/ e palatal /j/, como mostra o quadro 02 a seguir:

Quadro 02 – Fonemas consonantais do *Xikrín*.

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	/p/ /b/	/t/ /d/		/k/ /g/	/ʔ/
Africadas			/tʃ/ /dʒ/		
Nasais	/m/	/n/	/ɲ/	/ŋ/	
Flepe		/r/			
Semiconsoante	/w/		/j/		

Com base no inventário fonético-fonológico dos segmentos sonoros da língua *Xikrín*, foram sugeridos alguns símbolos para representar os fonemas da língua, isto é, elaboramos o alfabeto da língua *Xikrín*, constituído dos seguintes grafemas: A – B – D – E – G – I – J – K – M – N – O – P – R – T – U – Y – W – X – '. Note-se que o grafema *H*, embora não faça parte do alfabeto *Xikrín* por não representar nenhum fonema da língua, ocorre na formação de dígrafos. Assim, foi decidido pelos professores e demais membros da comunidade, que participaram das oficinas de língua (Fonética-fonologia, morfossintaxe, relação entre oral e escrito, dentre outras ligadas à estrutura da língua) que:

- os fonemas vocálicos e consonantais devem ter as seguintes representações gráficas:

Vogais: A – À – Ã – E – Ê – Ë – I – Ï – O – Õ – Ô – U – Û – Y – ÿ – Ỹ.

Consoantes: B – D – G – K – M – N – P – R – T – X – J – Ʒ – W – W' – '.

- na língua *Xikrín* há três dígrafos: NH – NG – DJ.

- há dez encontros consonantais: BR – PR – KR – KJ – KW – MR – NW – DJW – NGR – NHW.

Após diversas reflexões a respeito da representação simbólica de alguns segmentos, eis as decisões tomadas pela comunidade:

- a consoante /j/ será representada pelo grafema *j* em margem ascendente de ditongo e, pelo grafema *i*, em margem descendente de ditongo, conforme ilustram os seguintes, respectivamente exemplos: *jã* 'este'; *jàt* 'batata'; *kujate* 'empurrar', *ujarēi* 'dizer'; *kàipotì* 'enxada'; *kaigo* 'falso'; *mei* 'bom'; *bôì* 'chegar'.

- a consoante /w/ será representada pelo grafema *w* em todos os contextos silábicos, como mostram os exemplos abaixo:

wa 'dente'; *wewe* 'borboleta'; *wỳi* 'verdade'.

- os nomes, já escritos com NH em sílaba final, representando ditongo nasal, devem manter o NH na grafia. Assim, *Ngrenh* 'Ô; *Panh*, permanecem como estava escrito antes. A partir do novo acordo ortográfico estabelecido e aprovado pela comunidade e lideranças Xikrín do Cateté, palavras como essas descritas acima passarão a ser grafadas pela letra "i". Assim, as palavras acima passarão a ser escritas da seguinte forma: *Ngrei* 'Ô; *Pãi*.

Com base no esclarecimento sobre conceitos de formas livres, presas e dependentes, os Xikrín puderam entender que:

- as formas livres são as que ocorrem isoladamente na comunicação, como *kikre* 'casa', *kukôì* 'macaco';

- as formas presas são as que não ocorrem isoladamente na comunicação, isto é, precisam apoiar-se ou vir ligadas a outras palavras, como os sufixos *-djà*, *-djwỳi*, *-re* e *-ti*, ilustrados nos exemplos seguintes: *omrô-djà* 'cozinha'; *omrô-djwỳi* 'cozinheira'; *kukôì-ti* 'macaco grande'; *mrũm-re* 'formiguinha' e

- as forma dependentes são as que ocorrem nos enunciados sem estarem presas a outras formas, como as posições, conjunções e algumas partículas como nos itens em negrito do exemplo abaixo: *Měmy nē bà kam tē nē ropkrori mũ* 'o homem foi caçar e viu onça'.

- os pronomes pessoais *i*, *a* e a partícula *o* serão escritas separadas das palavras com as quais se combinam. Assim, deve-se escrever:

Ba nē ba a mũ. 'eu vi você'.

Ga na ga i mũ. 'você me viu'.

Mēnire na pĩngrà o bôi. 'a mulher trouxe a lenha'.

- as palavras derivadas e compostas devem ser escritas juntas, como mostram os exemplos seguintes:

pi`ôk 'folha'+ *jarēi* 'o dizer'+ *-djwỳi* 'aquele que' = *pi`ôkjarēidjwỳi* 'aluno';

rop 'onça' + *no* 'olho' = *ropno* 'lanterna'.

Todas as decisões aqui descritas foram arduamente discutidas com e pela comunidade, levando-se em consideração critérios fonológicos, como já foi mencionado e em uma relação dialógica buscando sempre a melhor forma de representação gráfica para os Xikrín, as quais devem orientar a escrita e leitura da língua Xikrín.

5. Considerações finais

É sabido que um sistema de escrita não se consolida se não houver escritores, leitores e literatura de diversos gêneros para estimular o desenvolvimento de práticas de letramento na comunidade indígena (D'ANGELIS, 2005). Cientes disso, os Xikrín estão elaborando seu primeiro material didático para subsidiar o ensino da língua materna nas escolas da aldeia. Trata-se do "*Xikrín do Cateté nhõ pi`ôk mari mokrai kadjy nē jã*", isto é, do "Livro de alfabetização e letramento na língua Xikrín do Cateté". Esse material didático está sendo elaborado com a preocupação de garantir a este povo o direito de viver em conformidade com suas práticas tradicionais no âmbito cultural, religioso, econômico, dos valores éticos e das formas de interagir e ser *Xikrín*. Esse material, que visa alfabetizar letrando em língua materna, leva em consideração exaustivamente as funções sociais das habilidades de oralidade, leitura e escrita na

língua *Xikrín*. Além do material escrito, foi elaborado também material audiovisual - com legenda na língua *Xikrín* - (produzidos também pelos próprios indígenas) com cantos, festas tradicionais do povo *Xikrín*, depoimentos sobre a situação ambiental do rio Cateté, e outras narrativas que retratam a cosmovisão do povo *Xikrín*. A junção desses materiais poderão contribuir para se trabalhar tanto a oralidade, quanto a escrita na escola e assim promover o ensino em diferentes modalidades da língua materna.

A relação dos *Xikrín* com a tecnologia, isto é, com a escrita ortográfica, com o manuseio de filmadoras, máquinas fotográficas, celulares etc. é importante e necessária, pois, com esse instrumento, além da interagirem verbalmente, usam-na como ferramenta para expor e conhecer suas perspectivas de mundo. Os *Xikrín* se apropriaram desses instrumentos e técnicas audiovisuais para registrar seu próprio universo, seus espaços, suas demandas (ambientais, saúde, educação) e suas cosmologias.

Por fim, a decisão dos *Xikrín* sobre como elaborar seu sistema de escrita e iniciar o processo de produção de material para a promoção do ensino formal da língua indígena nas escolas das aldeias pode ser visto como uma forma de resistência coletiva da comunidade, um provável começo de um exercício de descolonização de suas escolas no tocante aos saberes a serem ensinados, contribuindo também para a formação dos professores - aprofundamento de conhecimentos específicos sobre o povo, como o estudo de sua história, sua trajetória, dos conhecimentos relacionados ao uso de recursos naturais e práticas tradicionais de manejo em seu território, suas festas e rituais, organização social e política, entre outros. Essa iniciativa pode contribuir para dar mais subsídios aos *Xikrín* no enfrentamento das relações de contato, numa perspectiva intercultural que tente privilegiar seus saberes nessa relação dialética permanente com os saberes globais, na certeza de que essas atitudes, em certa medida, apontem para a compreensão de que os saberes indígenas, negados

historicamente pelas instituições que lhes impuseram modelos exógenos de educação, são indispensáveis para a construção e tentativa de compreensão e diálogo com os conhecimentos universais.

Referências Bibliográficas

BERRY, J. The making of alphabets. *In*: FISHMAN, J.(ed.) **Readings in the sociology of language**. Den Haag: Mouton Publisher, 1968, p. 737-753. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110805376.737>

BRASIL, Ministério da Educação. Referenciais para a formação de professores indígenas/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Livro.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2018.

CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, IPOL, 2017.

COOPER, R. **Language planning and social change**. Inglaterra: Cambridge University Press, 1989.

COSTA, L. S. **Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)**. Tese de Doutorado. Brasília, Universidade de Brasília, 2015.

D'ANGELIS, W. da R.; VEIGA, J. A questão da educação indígena no 10º COLE. *In*: D'ANGELIS, W. da R.; VEIGA, J. (org.). **Leitura e Escrita em Escolas Indígenas**. Campinas, SP; ALB: Mercado de Letras, 1997. p. 13-21.

FISHMAN, J. **Sociología de lenguaje**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1982.

MORI, A. C. Aspectos técnicos e políticos na definição de ortografias de línguas indígenas. *In*: D'ÂNGELIS, W. E.; VEIGA, J. (org.). **Leitura e escrita em escolas indígenas: encontro de educação indígena no 10º COLE**. Campinas: Mercado de Letras, 1997. p. 23-33.

NAZARENO, E.; FREITAS, M. T. U. Interculturalidade e práticas pedagógicas contextualizadas: uma perspectiva de-colonial para formação de professores/as indígenas. *In*: PIMENTEL-DA SILVA, M. S.; BORGES, M. V. (org.). **Educação intercultural: experiências e desafios políticos pedagógicos**. Goiânia: PROLIND/SECAD-MEC/PUNAPE, 2013. p. 113-131.

PIKE, K. L. **Phonemics. A technique for reducing languages to writing**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1947.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

ROGERS, H. **Writing systems: a linguistic approach**. Blackwell Publishing, 2005.

SANVICÉN, P. Context i transversalitat de la política lingüística com a política pública. **Revista tècnica de Política Lingüística**. Número 41 (2008). Disponível em: <https://repositori.udl.cat/bitstream/handle/10459.1/47304/015792.pdf;sequence=1.p.8-18>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

Artigo recebido em: 27.04.2018

Artigo aprovado em: 13.08.2018